

INDÚSTRIA DA BELEZA E MÍDIAS SOCIAIS: UM ESTUDO SOBRE O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DE MULHERES

Ana Julia Angelo¹

Livian Andreani Toledo²

Renata Vilela Rodrigues³

Resumo

O presente artigo problematiza os impactos dos padrões estéticos do século XXI sobre a saúde mental das mulheres brasileiras. O objetivo consiste em analisar como esses ideais corporais, construídos histórica, social e culturalmente, incidem sobre a subjetividade feminina, por meio de uma revisão integrativa da literatura de caráter qualitativo e abordagem exploratória-explicativa. A análise dos materiais selecionados, fundamentada no referencial foucaultiano, evidencia a mercantilização midiática e o funcionamento das plataformas digitais como panópticos de vigilância corporal, bem como um cenário de adoecimento mental materializado pela busca por procedimentos estético-cirúrgicos normatizados. Ademais, constata-se a operação do dispositivo do racismo estético, o qual gera uma dupla desumanização e sofrimento psíquico estrutural na mulher negra ao impor a branquitude como modelo universal de desejabilidade. Conclui-se que a pressão estética configura um dispositivo de biopoder que produz sofrimento psíquico, demandando da psicologia uma prática clínica-política ética e estritamente atenta aos atravessamentos socioculturais contemporâneos.

Palavras-chave: Estética. Mulheres. Racismo.

Abstract

This article problematizes the impacts of 21st-century aesthetic standards on the mental health of Brazilian women. The objective is to analyze how these bodily ideals, historically, socially, and culturally constructed, affect female subjectivity through a qualitative, exploratory-explanatory integrative literature review. Founded on Foucault's framework, the analysis of the selected materials highlights media commercialization and the functioning of digital platforms as panopticons of bodily surveillance, as well as a scenario of mental illness materialized by the pursuit of standardized aesthetic-surgical procedures. In addition, it notes the operation of the aesthetic racism device, which generates a double dehumanization and structural psychic suffering in Black women by imposing whiteness as a universal model of desirability. It is concluded that aesthetic pressure constitutes a biopower device that produces psychic suffering, demanding from psychology an ethical and clinical-political praxis attentive to contemporary sociocultural crossings.

Keywords: Aesthetics. Women. Racism.

¹ Acadêmica do curso de Psicologia do UNIVAG - 10º Semestre. Email: aangelanajulia28@gmail.com.

² Acadêmica do curso de Psicologia do UNIVAG - 10º Semestre. Email: livian.psico@gmail.com

³ Profa. Dra. do curso de Psicologia do UNIVAG E-mail: renata.rodrigues@univag.edu.br.

1. Introdução

Este artigo investiga a relação entre a cultura do século XXI e os padrões estéticos nela vigentes, analisando seus impactos na saúde mental das mulheres brasileiras. A discussão perpassa a trajetória histórica dos ideais de beleza, a construção social do corpo e as repercussões subjetivas desse processo. Sob a perspectiva de Rose (2001), compreende-se a subjetividade como uma construção histórica e social, mediada por práticas discursivas, tecnológicas e institucionais que estabelecem modos de ser e agir, configurando-se como um efeito das relações de poder em detrimento de uma determinação natural.

Para Rose (2001), a investigação da subjetividade em pesquisas psicológicas demanda uma abordagem que ultrapasse a interioridade individual e considere os instrumentos sociotécnicos que a produzem, buscando sobre como o sujeito se torna o que é, indagando os sistemas que sustentam esses modos de existir. As pesquisas psicológicas devem assumir uma postura crítica, rompendo com a neutralidade, e confrontar os discursos sobre o eu, revelando os modos como os mesmos trabalham para naturalizar essas construções sociais, servindo a interesses de poder.

O interesse por investigar o impacto do padrão estético e da cultura da beleza no sofrimento psíquico das mulheres decorre da relevância dessa problemática, bem como a sua ligação com o contexto histórico e cultural que perpetuam desigualdades de gênero. A preocupação com a autoimagem corporal tem aumentado na sociedade atual, pois a beleza passou a ser um fator determinante para aceitação ou rejeição social (Pinheiro et al., 2020), assim como, na modulação dos processos subjetivadores.

Os indivíduos estão constantemente expostos às normas culturais de seu meio social, o que os induz a ajustar seus comportamentos para fins de aceitação e integração. Esse processo de conformidade às normas sociais opera desde a infância, período no qual o sujeito é inserido em um sistema de regras e valores coletivos que passam a orientar suas ações. Esse fenômeno estende-se diretamente à relação que os sujeitos estabelecem com a própria imagem corporal, induzindo-os a buscar uma adequação contínua aos padrões estéticos validados institucionalmente (Aronson; Wilson; Akert, 2002).

Com isso, nota-se que as normas culturais vão se adequando e se transformando ao passar do tempo, onde os padrões de beleza estão sempre se alterando de acordo com o tempo histórico, o que causa um esforço por parte da sociedade em se adequar às normas impostas.

Com o passar do tempo os padrões de beleza vão mudando, no renascimento por exemplo o que era considerado belo eram corpos mais fartos, robustos e volumosos. Essa corporalidade também funcionava não só como um indicador de beleza, mas também como um signo de prestígio socioeconômico. Ao analisar os mecanismos econômicos que sustentam os padrões de beleza, Wolf (2018) destaca que a indústria estética capitaliza estrategicamente em cima das inseguranças e da autoimagem dos sujeitos. A promoção intencional de ideais corporais inalcançáveis funciona como uma estratégia política para perpetuar a insatisfação crônica, garantindo tanto o consumo contínuo de produtos, quanto o controle social sobre a emancipação feminina.

Para Nascimento, Próchno e Silva (2012), a mídia desempenha um papel essencial na construção desse ideal, promovendo uma cultura de auto julgamento constante, onde a beleza é vista como um status social. Segundo os autores, a mídia forma um espaço onde há controle sobre o corpo feminino, impondo regras que influenciam a percepção de identidade e autoestima das mulheres.

Conforme Salem e Junior (2010), na experiência do século XXI, a corporeidade e a ação são elementos centrais na formação do eu, e pode-se perceber uma mudança do valor da interioridade para a exterioridade da imagem corporal. Esse acontecimento indica uma diminuição do ideal interno e um aumento da apreciação visual do corpo. As redes sociais são veículos que refletem os padrões estéticos, que podem agravar os conflitos de autoimagem dos indivíduos, resultando no desenvolvimento de transtornos psicológicos e insatisfação corporal (Escobar; Barbosa, 2024). A busca pela adequação estética é estabelecida no tecido social contemporâneo sob um dever moral, criando a promessa de que o esforço individual para alcançar o “corpo ideal” será recompensado com validação e prestígio social (Alvarenga et al., 2015). Contudo, a perseguição desse padrão estético inalcançável, produz um efeito colateral inverso no psiquismo, deflagrando afetos marcados por frustração, culpa, vergonha e insatisfação crônica com a própria imagem (Pereira, 2012).

Segundo Cardoso, Godoi e Pinto (2024), na sociedade atual a aparência é extremamente valorizada, logo surge uma alta demanda em relação aos procedimentos estéticos no qual tem um grande impacto na autoestima das mulheres. Conforme Joaquim, Polli e Tagliamento (2020), para estar dentro de um padrão imposto pela sociedade e ter um corpo normatizado as mulheres se submetem a diversas cirurgias invasivas, dietas restritivas,

medicamentos para emagrecer e muitas vezes sem um acompanhamento profissional adequado, o que acaba comprometendo sua saúde física e mental.

Diante dos determinantes discutidos anteriormente, este estudo dedica-se a investigar a seguinte problemática: de que modo o ideário de corpo feminino, modulado pela cultura do século XXI, repercute na saúde mental e na construção da autoestima em mulheres? Complementarmente, busca-se problematizar como a literatura especializada tem articulado esse debate. Para tanto, o objetivo geral consiste em analisar como os padrões estéticos, que são construídos historicamente, social e culturalmente, impactam a subjetividade e o imaginário feminino, utilizando como recurso metodológico a revisão integrativa da literatura.

Mais especificamente, pretende-se investigar de que maneira o ideário do corpo feminino e de uma estética bela são influenciados pela mídia, torna-se ferramentas de controle e poder sob as mulheres e estratégias de mercantilização e lucro; investigar os impactos na saúde mental de mulheres considerando os aspectos como distúrbios alimentares, ansiedade, distorção de imagem, auto estima baixa e entre outras consequências que afetam a saúde mental da mulher e; problematizar o racismo estético como uma forma de opressão que atravessa os padrões de beleza naturalizados como “ideais” da beleza de mulheres negras, analisando sua relação com a invisibilidade e exclusão social das mesmas.

2. Metodologia

A presente pesquisa se trata de uma revisão integrativa bibliográfica, de caráter qualitativo, com o objetivo de reunir, analisar e discutir as diferentes produções acadêmicas que se propõe a discutir sobre o impacto da pressão estética feminina no sofrimento psíquico. A partir disso, se faz necessário abordar o método de pesquisa qualitativa, que Segundo Richardson (2015), o método qualitativo não utiliza ferramentas estatísticas para análise e não visa mensurar ou quantificar categorias homogêneas.

Conforme destacado por Richardson (2015), embora existam autores que questionam a distinção entre métodos qualitativos e quantitativos, a escolha metodológica está ligada ao enfoque analítico adotado pelo pesquisador. A abordagem qualitativa é mais adequada para compreender a complexidade dos fenômenos sociais, sendo muitas vezes a única forma possível de se estudar certos temas (Richardson, 2015).

Richardson (2015) destaca que, mesmo em pesquisas essencialmente quantitativas, podem existir aspectos qualitativos que se perdem ao serem convertidos em dados mensuráveis. Diante disso, há limitações nas explicações oferecidas pela quantificação de fenômenos complexos, mesmo quando se busca expressar resultados em graus ou escalas (Richardson, 2015).

O presente artigo trata-se de uma pesquisa exploratória-explicativa por propor uma compreensão analítica e interpretativa do fenômeno estudado. Segundo Gil (1991), a pesquisa exploratória visa tornar o problema mais explícito e a construir hipóteses, tendo como objetivo principal a possibilidade de aprimorar ideias, buscando também aprofundar a compreensão sobre o fenômeno. E a pesquisa explicativa, de acordo com Gil (1991), tem a preocupação central de identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos, é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, pois ela explica a razão e o porquê das coisas.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2002), é entendida como uma investigação onde sua fundamentação se encontra em materiais publicados anteriormente como livros, artigos científicos, periódicos e documentos diversos. Esta abordagem é usual em pesquisas onde o objetivo é a discussão de posições teóricas distintas sobre determinado problema, assim como em estudos exploratórios e sua distinção se vê devido ao fato de não abranger a coleta de dados primários. Os livros constituem como as fontes bibliográficas principais, porém as publicações periódicas, como jornais e revistas, também configuram fontes consideráveis. O possível acesso a uma extensa variedade de fatos, no qual seria dificultado em pesquisas de campo, principalmente devido à dispersão geográfica, é considerada como uma vantagem principal dessa abordagem.

Esta pesquisa fundamenta-se na investigação, seleção e análise de documentos já publicados sobre o tema estabelecido, sendo essencial para o fornecimento de embasamento teórico, orientação de formulação de problemas de pesquisa e o reconhecimento de lacunas no conhecimento já existente. A abordagem presente demanda uma leitura crítica e reflexiva, procurando a construção de uma premissa sólida, com o objetivo com outros autores, portanto não se limita somente a transcrições de textos (Gil, 2002).

Diversas etapas encontram-se na realização da pesquisa bibliográfica, como escolha do tema, levantamento preliminar da bibliografia, formulação do problema, elaboração do plano de trabalho, identificação e localização das fontes, leitura analítica e interpretativa,

tomada de notas, organização das fichas e construção lógica do texto. Portanto, a mesma demanda rigor metodológico, domínio conceitual e capacidade crítica para que a pesquisa tenha qualidade científica (Gil, 2002).

Para a revisão integrativa da literatura, serão utilizados os periódicos científicos e bases de dados de teses e dissertações. Assim, serão utilizados o Pepsic (Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia); o BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e SCIELO (Scientific Electronic Library Online). A busca será realizada por meio das palavras-chaves: estética; mulheres; racismo. A busca foi realizada usando o operador booleano AND e Mídia como descritor.

Utilizamos como critérios de inclusão nesta pesquisa: Pesquisas que envolvam a população feminina adolescente ou adulta, impactadas diretamente pela pressão estética; Estudos publicados nos últimos 10 anos; Materiais que relacionem a pressão estética com as normas de beleza cultural e social, assim como imposições da mídia, procedimentos estéticos, cultura do emagrecimento e; Textos publicados em português, inglês ou espanhol, sintetizados na Tabela 1.

Tabela 1 – Relação entre critérios de inclusão e exclusão

Crítérios de Inclusão	Crítérios de Exclusão
População feminina (adolescente ou adulta) impactada pela pressão estética.	Estudos com foco exclusivo na população masculina ou que não evidenciem dados específicos para mulheres.
Artigos publicados nos últimos 10 anos (2016-2026).	Estudos que abordam apenas questões sociais, econômicas ou culturais, sem focar no impacto psicológico e contextualizando para a realidade brasileira.
Relação com normas de beleza, imposições da mídia, procedimentos estéticos e cultura do emagrecimento.	Trabalhos com referencial teórico sem metodologia fundamentada ou não retirados de bases científicas.
Textos publicados em português, inglês ou espanhol.	Artigos repetidos entre as bases de dados ou que não correspondam à temática central após leitura dinâmica.
Materiais com texto completo disponível nas bases BVS, PEPSIC e SCIELO.	Resumos de teses ou dissertações que não passaram por revisão por pares em periódicos.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Como critérios de exclusão elencamos: Estudos que não incluem o impacto psicológico e sua relação com a pressão estética, com enfoque somente na questão social, estética, econômica ou cultural; estudos onde o referencial teórico não apresenta metodologia fundamentada, que não tenha sido retirado de base de dados científicos; estudos com recorte na população masculina ou que não evidenciam dados específicos para a população feminina.

Os artigos foram coletados em março de 2026, através das plataformas Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Portal Eletrônico de Periódicos em Psicologia (PEPSIC) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO), usando as palavras-chave Mulheres, Racismo e Estética a partir da busca avançada com o operador booleano AND e a palavra-chave Mídia. Na primeira busca foram identificados 1141 artigos com a palavra chave “mulheres”, 1279 artigos com a palavra chave “estética” e 464 artigos com a palavra chave “racismo”.

Após isso, empregamos os critérios de exclusão que eram artigos de até 10 anos em inglês, espanhol e português, os artigos foram reduzidos para 662 com a palavra-chave “mulheres”, 947 da palavra-chave “estética” e 181 da palavra-chave “racismo”, como representados na Tabela 2. Com isso, realizamos uma leitura exploratória (Gil, 2008), empregando critérios que considerassem artigos que se relacionam com o tema da presente pesquisa, totalizando 33 artigos da palavra “mulheres”, 50 da estética e 9 do racismo.

Após isso, fizemos a exclusão dos artigos duplicados onde o total foi reduzido para 77 artigos, e a partir disso realizamos uma leitura dinâmica (Gil, 2008), considerando os artigos que versam sobre a temática da presente pesquisa e nos auxiliam a responder a problemática levantada, incluímos 25 para a análise, como observado na Tabela 2.

Tabela 2 - Etapas de seleção da amostra

Descritores (AND "Mídia")	BVS	PEPSIC	SCIELO	Total Inicial	Após Filtros*
“Mulheres”	1141	22	205	1.368	662
“Estética”	1279	1	43	1.323	947
“Racismo”	464	1	22	487	181
Subtotal por Base	2.884	24	270	3.178	1.790
Total (Após remoção de duplicados e leitura dinâmica)	92	15	77	51	25

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Legenda: *Artigos publicados nos últimos 10 anos, no idioma português priorizando o contexto brasileiro.

Como aporte teórico-metodológico foi utilizado a análise do discurso de Michel Foucault (1996), que consiste em explorar a forma que o discurso funciona, como uma prática social que regula o que pode ou não ser dito e quem pode falar e em que condições. De acordo com Foucault (1996), a análise do discurso não é só sobre o conteúdo das palavras, é também sobre as relações de poder, regras e conhecimentos que moldam a concepção e a forma que o discurso passa pela sociedade.

Ele parte do pressuposto que toda sociedade produz discursos, mas de uma forma organizada, controlada, selecionada e redistribuída por certos números de procedimentos com a função de evitar os poderes e perigos (Faé, 2004). Na perspectiva de Foucault, o discurso não é apenas uma forma de se expressar, e sim um espaço de produção de verdades, pois o discurso pode constituir práticas que vão estabelecer o que será dito e o que não poderá ser dito, além de que legitimam certas formas de existência e comportamentos de uma determinada época, assim moldando os sujeitos. (Alves; Piazzzi, 2014).

3. Resultados

A partir da análise dos discursos dos artigos selecionados, dividimos a análise em três eixos: (1) “A cultura do corpo ideal e as influências midiáticas na sociedade”; (2) “Beleza, cirurgia estética e a construção da autoimagem feminina” e; (3) “Interseccionalidade: A sobreposição de Racismo e Sexismo no Corpo da Mulher Negra”. No primeiro eixo, foram encontrados 12 artigos. No segundo eixo da pesquisa, debate-se sobre o tema a partir de 9 artigos. E, por fim, como terceiro eixo foram identificados 4 artigos, como pode-se ver na Tabela 3.

Tabela 3 - Artigos selecionados

Eixos	Título	Autores	Ano	Revista
Eixo 1	A influência das mídias sociais na decisão pela cirurgia plástica	Kataoka, Mendes et al	2024	Rev. Bras. Cir. Plást.
	Corpo, saúde e sociedade de consumo: a construção social do corpo saudável.	Santos, Oliveira et al.	2019	Saúde Soc.
	Autoapresentação Corporal de Lutadoras de Artes Marciais Mistas (MMA) no Instagram	Oliveira, Macedo e Neto	2021	Rev. de educação física da UFRGS

	O capital erótico na produção de conteúdo sobre cultura fitness no Instagram	Alvarenga, Caetano e Jaeger	2025	Revista Estudos Feministas, Florianópolis
	A influência das redes sociais no comportamento alimentar e aceitação da imagem corporal relacionada com o índice de massa corporal em acadêmicos de um centro universitário de Foz do Iguaçu – PR	Passos, Dalsoto et al.	2023	HU Revista
	Aspectos socioculturais da construção da aparência no envelhecimento feminino: uma revisão narrativa	Yokomizo e Lopes	2019	Rev. Kairós-Gerontologia
	Meu corpo, minhas representações: comunicação, saúde e a sexta onda feminista.	Leiroz e D’Abreu	2021	Rev. Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde
	Mídia e medicalização do corpo e da saúde em mulheres praticantes de exercícios físicos em academia	Vieira e Manske	2022	Rev. Pensar a Prática
	Representações Culturais de Corpo e Práticas de Saúde em Grupos Sociais Virtuais de Aplicativos de Mensagens	Leite e Manske	2024	Movimento.
	Transtornos Alimentares, Imagem Corporal e Influência da Mídia em Universitárias	Oliveira, Fonseca et al.	2020	Rev. de Enferm. UFPE on line.
	Ser Jovem, ser belo: A juventude sob holofotes na sociedade contemporânea	Lopes e Mendonça	2016	Rev. subjetividades
	Imagem corporal e sexualidade na infância: uma psicanalítica do mal-estar contemporâneo	Cruz et al.	2020	Rev. Pensar a Prática
	Cirurgia plástica estética em mulheres e autoestima: um estudo qualitativo	Aguar e Sousa	2023	Rev. Psicol. Divers. Saúde
Eixo 2	Harmonizações faciais: uma perspectiva psicanalítica do mal-estar contemporâneo	Silveira e Gonçalves	2025	Analytica
	Representações sociais e práticas corporais: influências do padrão de beleza	Polli, Joaquim e Tagliamento	2020	Arquivos Brasileiros de Psicologia
	A divulgação da cirurgia íntima no Brasil: normas de gênero, dilemas e responsabilidades no campo da cirurgia plástica estética	Rohden	2021	Cad. Saúde Pública
	Difusão e propaganda sobre antienvelhecimento na mídia Brasileira: um estudo de representações sociais	Rozendo; Bousfield; Giacomozzi.	2022	Psicologia ciência e profissão
	Apreciação corporal e aspectos associados a adolescentes e mulheres jovens	Amaral, Medeiros et al.	2019	Rev. Bras. Cir. Plást.
	Blogueiras fitness no instagram: o corpo e o merchandising editorial de suplementos alimentares.	Stolarski, Lucena et al.	2018	Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde.
	Corpo, Cultura e significado.	Dourado, Fustinoni et al.	2018	Body, culture and meaning
	Movimento Body Positive no Instagram: reflexões sobre a estetização na saúde na sociedade neoliberal.	Conde e seixas	2021	RECHS
Eixo 3	Corpos em trânsito e trajetórias textuais	Pinto e Amaral	2016	Revista da Anpoll
	Quando a raça e o gênero estão em questão: embates discursivos em rede social	Borges e Melo	2019	Rev. Estudos Feministas

Falar de mulher preta, isso me atravessa	Santiago e Gaudenzi	2024	Physis: Rev. Saúde Coletiva
Impacto do Racismo nas Vivências de Mulheres Negras Brasileiras: Um Estudo Fenomenológico	Santos et al.	2023	Psicologia: Ciência e Profissão

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Eixo 1 - A cultura do corpo ideal e as influências midiáticas na sociedade

O artigo de Kataoka, Mendes et al., (2024), mostra a influência das mídias sociais na decisão de realizar cirurgias plásticas, destacando que o culto ao corpo e à perfeição promovido por essas plataformas têm aumentado significativamente a procura por procedimentos estéticos. A pesquisa, realizada, mostra que as redes sociais são consideradas uma importante fonte de informação, especialmente por meio da visualização de fotos de antes e depois, além das recomendações de pacientes e grupos online. Embora a mídia exerça uma influência marcante na escolha do cirurgião, pacientes demonstram relutância em confiar em fotos claramente manipuladas digitalmente.

A pesquisa de Santos, Oliveira et al., (2019) analisa como a mídia e o mercado de consumo constroem socialmente a ideia de “corpo saudável” como um corpo moldável, esteticamente valorizado e associado à eterna juventude. Eles destacam que essa construção promove uma relação estreita entre saúde, estética e consumo, transformando o corpo em mercadoria e signo de status social. O discurso dominante impõe padrões rígidos de alimentação, exercício e estética, influenciando subjetividades e reforçando uma cultura do consumismo que impacta a saúde e a identidade da mulher.

O artigo de Oliveira, Macedo e Neto (2021), mostra como as lutadoras de MMA se apresentam mostrando seus corpos no Instagram, especialmente aquelas campeãs do UFC. O foco é entender como a imagem delas é construída na mídia, tratando de temas como objetificação e hiper sexualização. Indica que apesar da usual presença do UFC nas postagens, as lutadoras postam majoritariamente conteúdos sem sexualizar seus corpos, mostrando uma diversidade de expressões femininas.

A pesquisa de Alvarenga, Caetano e Jaeger (2025), debate como as influenciadoras digitais que produzem conteúdo sobre cultura fitness no Instagram e utilizam o corpo como capital erótico para conquistar visibilidade e engajamento. Como elas constroem e exibem corpos idealizados, associados à estética e sensualidade, reforçando padrões de beleza e

desejos sociais ligados ao mercado de consumo. O conceito de "capital erótico", destaca que atributos físicos, sociais e sexuais são utilizados estrategicamente para gerar impacto e reconhecimento nas redes. O artigo também discute sobre feminismo, cultura digital e sociedade neoliberal, evidenciando que essa narrativa reforça a objetificação feminina, ao mesmo tempo em que contribui para a construção de uma imagem de sucesso e autodisciplina através do corpo.

De acordo com a pesquisa de Passos, Dalsoto et al., (2023), as redes sociais influenciam o comportamento alimentar e a aceitação da imagem corporal entre universitários. Os resultados das pesquisas mostraram que a pressão da mídia sobre a percepção corporal dos universitários é significativamente maior do que a exercida por familiares e amigos. Das mulheres, houve um impacto maior da mídia na idealização do corpo magro, as mulheres apresentaram maior risco para desenvolvimento de transtornos alimentares, especialmente aquelas dos cursos da área da saúde, e a maioria dos estudantes em risco estava na faixa etária de 18 a 25 anos. O estudo conclui que a mídia tem papel predominante na insatisfação corporal e influencia negativamente as escolhas alimentares, representando um fator importante no risco para transtornos alimentares em universitários, com um impacto maior sobre as mulheres.

A pesquisa de Yokomizo e Lopes (2019), fala sobre os aspectos socioculturais relacionados à construção da aparência no envelhecimento feminino, nele é destacado a forte pressão exercida pelas mídias pela manutenção da juventude eterna. Eles apontam que essas representações contribuem para mitos e padrões de beleza que influenciam as mulheres, que na maioria das vezes acabam levando elas a distúrbios alimentares e insatisfação com a própria aparência. A pesquisa ressalta a importância de reconhecer a diversidade na experiência do envelhecer, criticando a padronização dos padrões de beleza e destacando a necessidade de ampliar o entendimento sobre a heterogeneidade do envelhecimento feminino, considerando fatores sociais, econômicos e culturais.

Leiroz e D'Abreu (2021), vão discutir a importância do feminismo na relação com a saúde, corpo e a comunicação, no qual ele destaca a recente sexta onda feminista, que luta pelo direito à autoria sobre o próprio corpo e contra estereótipos e violências ainda presentes na sociedade. Os autores ressaltam que os corpos das mulheres são historicamente sujeitos a violência, desigualdades e representações estereotipadas na mídia, o que reforça o patriarcado e limita seus direitos.

O artigo de Vieira e Manske (2022), aponta a influência das mídias sociais na medicalização do corpo feminino em mulheres que praticam exercícios físicos em academias na cidade de Itajaí/SC. A partir disso eles analisaram como as redes sociais impulsionam a percepção e o controle sobre o corpo, promovendo padrões estéticos e procedimentos medicalizantes. A partir da pesquisa é possível notar que as mídias digitais, atuam como mecanismos de influência, promovendo uma cultura de medicalização que incentiva o consumo de produtos e procedimentos estéticos e de emagrecimento, muitas vezes associados a riscos à saúde, como dietas restritivas e cirurgias plásticas.

O artigo de Leite e Manske (2024), vai investigar como as mulheres constroem seus significados sobre corpo e saúde a partir de representações culturais dentro de um grupo virtual no WhatsApp chamado “Maratona da Beleza”. Utilizando os Estudos Culturais como base teórica, os autores analisam como práticas culturais, discursos e mídias digitais contribuem para a produção de sentidos sobre o corpo feminino, saúde e beleza. Os principais pontos abordados foram a influência das redes sociais e da mídia na construção de padrões ideais de beleza, promovendo magreza, a relação entre práticas culturais, saúde e identidades, destacando que a cultura regula e dá sentido às ações relacionadas ao corpo, mas que essas práticas também refletem relações de poder e desigualdades sociais.

A pesquisa de Oliveira, Fonseca et al., (2020), tem como objetivo avaliar sinais de transtornos alimentares, satisfação com a imagem corporal e a influência da mídia em universitárias da área da saúde. Foi feita uma pesquisa, os resultados mostraram que a maioria das participantes apresentava um Índice de Massa Corporal adequado. No entanto, 26,7% apresentaram sinais de transtornos alimentares, e 4,4% relataram insatisfação corporal grave e a influência da mídia e episódios de compulsão alimentar periódica ocorreram em cerca de 2,2% do grupo.

Aguiar e Sousa (2023), investigam a relação entre a cirurgia plástica estética e a autoestima feminina por meio de um estudo qualitativo. As autoras evidenciam que a busca pelo ideal de beleza é fortemente atravessada pelos discursos midiáticos, fazendo com que as mulheres vejam no procedimento cirúrgico uma ferramenta para eliminar insatisfações e alcançar uma valorização pessoal mediada pelo olhar social.

Cruz et al., (2020), e colaboradores abordam a formação da imagem corporal e da sexualidade ainda na infância, destacando que a família e a mídia são os principais agentes formadores de opinião. O estudo demonstra que, desde cedo, as crianças são expostas a ideais

estéticos que influenciam sua autopercepção, evidenciando como a construção da autoimagem feminina é um processo que se inicia muito antes da vida adulta.

Lopes e Mendonça (2016), discutem como a juventude se tornou um valor central na sociedade contemporânea, onde ser jovem e belo é sinônimo de sucesso e felicidade. As autoras analisam o culto ao corpo como uma norma de adequação social disseminada pelos holofotes midiáticos, o que impõe aos jovens uma pressão constante para manter uma aparência que corresponda aos ideais de perfeição vigentes.

Eixo 2 - Beleza, cirurgia estética e a construção da autoimagem feminina

Na pesquisa de Amaral, Medeiros et al., (2019), eles identificam os fatores que influenciam a apreciação corporal em adolescentes e mulheres jovens brasileiras. Foi feita uma pesquisa onde 242 participantes responderam questionários sobre apreciação corporal, insatisfação corporal, influência sociocultural (mídia, pais e amigos), atitudes alimentares e autoestima. O estudo destaca a importância da satisfação corporal para a valorização do corpo entre adolescentes e mulheres jovens, com a autoestima e atitudes alimentares também desempenhando papéis significativos.

A pesquisa de Oliveira; Fonseca et al., (2020) tem como objetivo avaliar sinais de transtornos alimentares, satisfação com a imagem corporal e a influência da mídia em universitárias da área da saúde. Foi feita uma pesquisa, os resultados mostraram que a maioria das participantes apresentava um Índice de Massa Corporal adequado. No entanto, 26,7% apresentaram sinais de transtornos alimentares, e 4,4% relataram insatisfação corporal grave e a influência da mídia e episódios de compulsão alimentar periódica ocorreram em cerca de 2,2% do grupo.

Stolarski et al., (2018), analisam o papel dos blogueiros fitness no Instagram e como a exposição de seus corpos serve como estratégia de merchandising para suplementos alimentares. O artigo revela que a cultura do consumo utiliza esses influenciadores para promover um estilo de vida focado na performance e na estética idealizada, transformando o corpo em um objeto de vigilância e lucro comercial.

Conde e Seixas (2021), refletem sobre o movimento Body Positive no Instagram e sua relação com a estetização da saúde na lógica neoliberal. As autoras questionam se o movimento realmente promove a aceitação da diversidade corporal ou se acaba criando novas

formas de consumo e padrões de beleza "alternativos" que mantêm as mulheres presas à necessidade de exposição e aprovação estética.

Rozendo; Bousfield; Giacomozzi (2022), realizam um estudo sobre a difusão de discursos antienvelhecimento na mídia brasileira, investigando revistas de grande circulação e portais de notícias. O estudo aponta para uma forte tendência mercadológica que conduz o leitor ao consumo de produtos e procedimentos estéticos, reforçando a representação social de que o envelhecimento deve ser combatido a qualquer custo para a manutenção do bem-estar social.

Silveira e Gonçalves (2025), exploram o fenômeno das harmonizações faciais sob uma perspectiva psicanalítica, relacionando-as ao mal-estar contemporâneo. O texto argumenta que a busca obsessiva por intervenções no rosto reflete o medo do envelhecimento e o desejo de se desfazer de traços que causam incômodo (o conceito de *punctum*), revelando como a cultura da imagem molda a relação do sujeito com seu próprio corpo.

Dourado et al., (2018), discute o corpo como uma construção histórica e cultural, para além de sua estrutura biológica. O artigo percorre diferentes períodos históricos para demonstrar que sempre houve estereótipos corporais a serem seguidos, e que, na atualidade, a indústria da beleza e o narcisismo intensificam a busca por uma perfeição corporal que ignora a subjetividade e a totalidade do ser humano.

Rohden (2021), destaca como a divulgação da cirurgia íntima a labioplastia é produzida e promovida pelos profissionais de saúde no Brasil. Ele destaca que o país lidera essa prática mundial, com uma demanda crescente frequentemente relacionada a padrões de beleza e normas de gênero que reforçam uma ideia de “normalidade” corporal feminina. A narrativa reforça que essa demanda é alimentada por discursos midiáticos, médicos e sociais, que apresentam esses procedimentos como formas de alcançar uma “vagina dos sonhos” ou corpos ideais, muitas vezes sem uma discussão aprofundada sobre os riscos, motivos reais ou aspectos éticos envolvidos. O artigo também discute como essas cirurgias contribuem para a manutenção de normas de feminilidade e sexualidade estreitas, reforçando a ideia de corpos femininos “padronizados” e muitas vezes idealizados por padrões estrangeiros ou midiáticos.

Polli; Joaquim; Tagliamento (2020), investigam as representações sociais da beleza e da saúde entre mulheres e como o padrão de magreza é internalizado. A pesquisa demonstra que a mídia exerce um papel preponderante na produção desses ideais, levando as mulheres a

adotarem práticas corporais e dietas restritivas por acreditarem que a beleza (identificada com a magreza) é um pré-requisito indissociável da saúde.

Eixo 3: Interseccionalidade: A sobreposição de Racismo e Sexismo no Corpo da Mulher Negra

A compreensão da subjetividade da mulher negra exige uma análise que não se limite apenas ao gênero, mas que considere a interseccionalidade como o eixo central da experiência de opressão, nessa direção, os artigos que versam sobre este eixo apresentam um debate interseccional sobre saúde mental, gênero e raça. Santiago e Gaudenzi (2024) discutem como o distanciamento do padrão de branquitude hegemônico atua como um motor de adoecimento psíquico, manifestado frequentemente através do auto-ódio. Para estas autoras, o sofrimento é alimentado por uma estrutura que invisibiliza a estética negra, sendo que o fortalecimento da identidade e a mitigação desse quadro ocorrem, muitas vezes, apenas quando estas mulheres conseguem aceder a narrativas afirmativas, como as encontradas em redes sociais, que permitem a reconstrução de uma imagem de si para além da desvalorização histórica.

Este processo de construção negativa da autoimagem é algo que se estabelece de forma precoce e persistente. Franceschi e Santos (2023) sublinham que as vivências de racismo desde a infância marcam profundamente a saúde mental, resultando numa internalização de padrões estéticos inalcançáveis que leva à recusa de traços fenotípicos, como o cabelo crespo e a cor da pele. Segundo os autores, a jornada de auto aceitação é um percurso doloroso e complexo, mas essencial para a cura psíquica e para o enfrentamento da violência simbólica que tenta moldar a identidade negra a partir de uma norma que a nega.

A violência contra o corpo negro feminino assume contornos ainda mais nítidos quando se observa a intersecção com o sexismo em espaços de visibilidade. Borges e Melo (2019) analisam interações em redes sociais e demonstram que, mesmo quando mulheres negras ocupam posições de destaque, os seus corpos são frequentemente alvos de ataques que visam a sua animalização e inferiorização. Esta dinâmica revela um racismo estrutural que se utiliza da estética como ferramenta de controle social, reforçando a ideia de que o corpo negro é, por definição, inferior ao ideal branco, independentemente do sucesso ou posição da mulher negra na sociedade.

Essa lógica de subalternização estende-se também para o campo profissional e para as trajetórias cotidianas. Pinto (2016) evidencia como o racismo histórico condiciona o olhar social, fazendo com que o corpo da mulher negra seja automaticamente associado ao trabalho doméstico e à exploração colonial. A autora demonstra que esta pressão estética e profissional gera situações de deslegitimação constante, onde mesmo médicas negras são estereotipadas e inferiorizadas devido a uma herança colonial que tenta restringir o trânsito dos seus corpos no espaço público.

4. Discussão dos resultados

A análise dos 25 artigos selecionados nesta revisão integrativa revela que a pressão estética no século XXI não opera apenas na superfície da pele, mas atua como um forte organizador da subjetividade feminina. Os dados coletados convergem para a compreensão de que o corpo da mulher contemporânea é um território político atravessado por forças de mercantilização midiática, medicalização estética e hierarquias raciais coloniais. A partir disso, os padrões estéticos femininos devem ser compreendidos como uma construção social e histórica que são constantemente produzidos e reforçados pela cultura e pelos meios midiáticos, vindo por imposições que não contemplam a diversidade corporal e cultural, incentivando a padronização e o estereótipo da imagem de beleza feminina (Polli; Joaquim; Tagliamento, 2021; Silva, 2023; Concecio; Silva, 2022). Com a exposição contínua e intensa por meio dessas mídias, esses discursos são amplamente transmitidos, atuando como formadores de normas sociais e apresentando imagens idealizadas de corpos femininos.

Nessa direção, percebe-se, a partir dos resultados, que a forma como as mulheres enxergam seus corpos está diretamente relacionada à sua qualidade de vida. Diante disso, a correlação entre a percepção corporal e a qualidade de vida das mulheres não deve ser analisada sob uma ótica individualista ou estritamente psicopatológica. Propor que a solução para o sofrimento estético reside em uma mudança puramente interna rumo a uma "imagem corporal positiva" mascara o caráter estrutural do problema. Sob a lógica do capitalismo tardio, a insatisfação subjetiva é ativamente fabricada pelas indústrias da beleza, uma vez que corpos marcados pela inadequação convertem-se em nichos de mercado altamente lucrativos. Assim, a percepção que a mulher tem de si não constitui um fenômeno estritamente privado, mas sim um constructo social moldado pelas exigências de consumo do capital (Cardoso;

Godoi; Pinto, 2024). Portanto, a busca por um ideal de corpo imaginário pode levar a uma série de consequências psicológicas e emocionais, impactando significativamente o bem-estar e fazendo com que as mulheres se submetam a um ciclo constante de autocobrança e vigilância com os seus corpos.

Observa-se, ainda, no material coletado que o sofrimento psíquico não se configura como um fenômeno isolado, mas sim como o resultado de engrenagens sociais que transformam a insatisfação em motor econômico, sustentado de forma recorrente por discursos midiáticos, médicos e digitais. Desse modo, os materiais selecionados debatem como o padrão de beleza se afasta de uma condição natural, constituindo-se enquanto uma construção mercadológica desenhada especificamente para ser inalcançável, difundindo a premissa de que a felicidade, a saúde e o sucesso estão diretamente atrelados a um corpo hegemônico: jovem, magro, branco e esculpido. Essa lógica demonstra que o capitalismo e a indústria da beleza utilizam essa imposição do corpo ideal como estratégia de lucro, fazendo com que a insatisfação corporal se transforme em uma condição estrutural da subjetividade feminina. Quanto mais o mercado promove e diversifica diferentes ideais corporais fragmentados, mais se estimula a comercialização de produtos e intervenções que prometem sanar tais inadequações, gerando uma engrenagem econômica autorregulada (Pavan; Sansoni, 2022; Wolf, 2018).

No século XXI, a percepção do corpo ideal das mulheres é afetada pela constante formação de padrões de beleza, causando pressões para atender a essas normas. As mulheres são expostas desde muito jovens a um padrão inatingível, promovido por celebridades, campanhas e redes sociais, onde essa constante comparação acaba levando a um sentimento de insatisfação com a própria aparência, priorizando corpos magros, jovens, saudáveis, definidos, brancos e, muitas vezes, sem marcas consideradas indesejadas, como rugas, estrias e celulites. Dessa forma, aquilo que escapa a esses padrões é constantemente alvo de rejeição, silenciamento ou marginalização, fazendo com que a estética opere como um currículo social que instrui sobre como o corpo feminino deve ser, reforçando práticas de controle e autocorreção (Alves; Pizzi, 2014). Dentro dessa lógica, o neoliberalismo transforma a corporalidade em um objeto de consumo constante, seja por meio de dietas restritivas, cosméticos ou intervenções cirúrgicas. As redes sociais, com destaque para o Instagram e o YouTube, passam a funcionar como panópticos digitais de vigilância (Foucault, 2012), nos

quais a mulher é ensinada a policiar e aprimorar a si mesma ininterruptamente. Esse processo induz a que se interprete a autoexigência como uma escolha livre, embora configure uma coerção social disfarçada de autocuidado.

O cenário é complementado pelo entendimento de que o merchandising editorial e a exposição de corpos idealizados no Instagram servem como ferramentas de lucro para a indústria da beleza e de suplementos, funcionando como um dispositivo publicitário velado (Stolarski et al., 2018). Trata-se de uma dinâmica de investimento e consumo contínuo, em que a busca por uma imagem corporal perfeita opera como uma norma disciplinar (Pavan; Sansoni, 2022). A partir disso, pode-se compreender essa lógica através das formulações foucaultianas sobre discurso e poder. Para Foucault (1996), o discurso não se limita a um campo linguístico, ele é compreendido como um conjunto de práticas que produzem saber e poder sobre os indivíduos. Para ele o poder não é só repressivo, ele também é produtivo, cria verdades, normas e identidades, com isso a pressão estética se manifesta como uma forma de biopoder a fim de regular os corpos femininos através do discurso estético que vem por meio das mídias. Portanto, ao investigar a relação entre a pressão estética feminina e o impacto no sofrimento psíquico é possível analisar os discursos que naturalizam determinados padrões corporais e com isso regulam o comportamento sexual das mulheres por meio desses mesmos padrões. A análise discursiva mostra que as subjetividades não são essências pré-existentes, mas produtos das relações de poder e saber, em um jogo de verdades que associa a dignidade e aceitação social da mulher à conformidade com ideais de beleza impostos culturalmente (Alves; Pizzi, 2014).

Nota-se, inclusive, uma forte tendência mercadológica que associa o envelhecimento a um estado patológico a ser combatido, conduzindo as mulheres ao consumo incessante de tecnologias antienvelhecimento (Rozendo et al., 2022). Como o hiato entre o "Eu real" e o "Ideal do Eu" pautado na imagem midiática é intransponível, gera-se um mal-estar subjetivo profundo que se manifesta clinicamente em quadros de bulimia, anorexia, vigorexia, ansiedade, depressão e transtornos dismórficos corporais. Esse cenário de adoecimento mental indica que a percepção da imagem corporal afeta diretamente a constituição subjetiva, influenciando de maneira significativa a qualidade de vida, o bem-estar psicológico e as relações interpessoais das mulheres (Cardoso; Godoi; Pinto, 2024). As mulheres cobrem-se de um olhar negativo sobre si mesmas, gerando um ciclo de autocontrole e insatisfação constante

(Próchno; Silva, 2012). Debater sobre a corporalidade feminina e os impactos do ideal de corpo na saúde mental das mulheres é importante, pois permite problematizar e compreender como os padrões estéticos hegemônicos influenciam a vivência das mulheres, a maneira como se percebem e como se relacionam tanto com seus próprios corpos quanto com o ambiente, vindo intrínsecos à socialização feminina.

Com isso, a sociedade brasileira não é tolerante com o "desleixo" feminino. Na cultura brasileira, o chamado 'desleixo' feminino é socialmente lido não como uma escolha, mas como uma falha de caráter e uma fraqueza moral (Novaes, 2006). O termo 'desleixo', sob uma análise crítica, revela-se como uma categoria punitiva utilizada para estigmatizar as mulheres que se recusam a submeter seus corpos às disciplinas estéticas do mercado. A manutenção da beleza é erigida, assim, ao estatuto de obrigação moral. Essa divisão binária ecoa as teses de Berger (1999) sobre as assimetrias de gênero na representação social: enquanto os homens são historicamente validados por sua capacidade de ação e status socioeconômico, as mulheres são constituídas como objetos de observação, cuja função primordial reside em agradar visualmente ao olhar do Outro.

Essa problemática ganha contornos ainda mais nítidos na atual ascensão das harmonizações faciais e cirurgias plásticas íntimas. Tais procedimentos utilizam dispositivos visuais de "antes e depois" para materializar normas de gênero e criar uma noção de normalidade fictícia, que evoca angústia e vigilância corporal permanente (Rohden, 2023). A chamada "estetização da saúde" reforça a associação entre a aparência física e o valor moral da pessoa, de modo que corpos fora do padrão são marginalizados como negligentes ou inadequados. A busca por intervenções estéticas massivas reflete o medo do envelhecimento e o desejo de desfazer traços naturais em favor de uma estética padronizada pela indústria (Silveira; Gonçalves, 2025). Desse modo, constata-se que a identidade do sujeito passa a ser medida predominantemente por padrões visuais, transformando o corpo num objeto de regulação social e política, o que explica o sofrimento e a não identificação com o próprio rosto ou corpo após procedimentos orientados por ideais externos (Salem; Coelho Junior, 2010). Os impactos dessas intervenções ultrapassam o campo individual, constituindo-se como um fenômeno estrutural e uma obrigação moral da qual a mulher dificilmente consegue escapar sem ser julgada socialmente (Novaes, 2013 apud Silva, 2023).

É importante reconhecer, contudo, que essa regulação corporal não atinge todas as mulheres de forma homogênea, sendo profundamente atravessada e agravada pelo dispositivo do racismo estético. O conceito de racismo estético deve ser compreendido como um dispositivo que opera na regulação dos corpos e na construção das identidades. Sob a perspectiva de Munanga (2004 apud Lopes dos Santos; Barros, 2024), essa categoria fundamenta-se em uma ideologia que postula a existência de raças hierarquizadas com base em atributos físicos e morais. Tal lógica produz valores positivos para a estética branca como modelo central de beleza, ao mesmo tempo em que anula e estigmatiza as possibilidades de reconhecimento das estéticas negras. Conforme postula Gomes (2003), essa hierarquização transforma o corpo negro e o cabelo crespo em territórios de disputa simbólica, nos quais a estética é utilizada como um marcador de diferença e desigualdade, buscando desestabilizar a identidade negra ao tratar seus traços fenotípicos como o oposto do ideal de beleza.

Para a mulher negra, a pressão estética configura uma dupla desumanização, na qual o sexismo e o estigma racial operam de maneira indissociável. O padrão universal cobrado pela sociedade é estritamente baseado na branquitude, o que animaliza, objetifica e subalterniza os traços negros, como o cabelo crespo e a cor da pele. A internalização desse modelo eurocêntrico resulta em um sofrimento psíquico estrutural que se inicia na infância, gerando sentimentos agudos de solidão, inadequação e auto-ódio, decorrentes da tentativa compulsória de apagar a própria ancestralidade (Franceschi; Santos, 2022; Gomes, 2003). Sob a perspectiva psicanalítica, esse sofrimento decorre da imposição de um "Ideal do Eu" pautado na branquitude, forçando o sujeito a rejeitar sua própria imagem na tentativa de ser aceito e de ascender socialmente (Souza, 2021 apud Nasciutti, 2021). O corpo da mulher negra consolida-se, portanto, como um território de opressões em que os padrões de beleza hegemônicos funcionam como instrumentos políticos de desumanização (Santiago; Gaudenzi, 2024). Essa violência se manifesta de formas sutis, como na pressão pelo alisamento químico para obter aceitação social, e de formas explícitas, por meio de ataques racistas em ambientes digitais (Borges; Melo, 2019). Trata-se de um vestígio colonial persistente, onde a "linha de cor" estabelecida pela modernidade dita quem é passível de ser amada, desejada e valorizada no espaço social (Lopes dos Santos; Barros, 2024). Essa lógica estende-se inclusive ao campo profissional, onde estereótipos históricos tentam confinar o corpo negro a espaços restritos de exploração (Pinto, 2016).

Para compreender como se desenvolve o racismo estético, é importante reconhecer que a estética contemporânea é um "vestígio" da escravidão, conceito que Lopes dos Santos e Barros (2024, p. 1) resgatam de Christina Sharpe. A abolição da escravatura não eliminou a ordenação racista que alicerçou a modernidade, em vez disso, o passado escravista se perpetua no presente através de representações que continuam a oprimir corpos negros sob a forma de marginalização cultural e desaparecimento da identidade. Como apontam Lopes dos Santos e Barros (2024, p. 1), "o nascente século XX teria que lidar com a linha de cor inventada pela modernidade", uma linha que define quem é visível e quem é esteticamente aceitável no espaço social. Nesse processo, a branquitude opera como um dispositivo que organiza privilégios sistemáticos desde o período colonial. Conforme discutido por Franceschi e Santos (2022, p. 85), esse dispositivo estabelece padrões como cabelos lisos, pele clara e traços finos como "mais harmônicos" ou "superiores". Essa norma hegemônica, amplificada pela mídia e pelo mercado cultural, dificulta que mulheres negras construam uma identidade racial positiva, uma vez que o "belo" é estrategicamente associado à branquitude como o padrão normativo universal.

A razão da existência desse sistema vincula-se à lógica do capitalismo avançado e à cultura do consumo. Como analisa Trinca (2008, p. 129), na sociedade contemporânea ocorre uma "comercialização de tudo o que possa ser convertido em valor de troca", e o corpo torna-se o objeto mais precioso deste universo consumista. Dentro dessa lógica, a subjetividade é reduzida à imagem e à performance corporal, gerando o que se denomina "bioidentidade". Trinca (2008, p. 134), ao citar Ortega (2008), define a bioidentidade como a necessidade de adequar o corpo às normas científicas e aos padrões da sociedade do espetáculo, transformando a biologia em um projeto de autoconstrução incessante. Para a mulher negra, essa pressão é interseccional, cruzando eixos de subordinação de raça e gênero. Como afirma Crenshaw (2002), essa articulação produz opressões que constituem realidades particulares, nas quais o enquadramento racial designa a mulher negra como alvo prioritário de violências específicas e de uma exclusão estética mais profunda.

Essa articulação interseccional ganha uma discussão crítica fundamental na realidade brasileira a partir das contribuições teóricas de Lélia Gonzalez (2018). A autora propõe o conceito de Amefricanidade e denuncia a existência de uma verdadeira "neurose da cultura brasileira", estruturada por meio do sexismo e do recalcamento sistemático de nossa matriz

africana. Nesta perspectiva, o lugar reservado ao corpo da mulher negra na cultura nacional é marcado por uma divisão marcante, que oscila violentamente entre a hipersexualização exótica e a rejeição estética absoluta. Enquanto o mito histórico da "mulata" confina o corpo amefricano ao fetiche passageiro, ao espaço restrito do carnaval e à exploração sexualizada para o prazer do olhar colonial, a norma eurocêntrica dita a negação, a invisibilidade e a subalternização de seus traços fenotípicos naturais no cotidiano social e profissional (Gonzalez, 2018). Essa dinâmica expõe que os padrões estéticos dominantes operam como instrumentos políticos de desumanização destinados a fixar o sujeito negro em papéis historicamente rebaixados.

As consequências psicossociais dessa dinâmica são muito graves. A tentativa de se adaptar aos modelos de beleza branca reflete uma violência simbólica que gera sofrimento psíquico profundo, demarcado por sentimentos de inadequação e vergonha do próprio corpo. No estudo de Franceschi e Santos (2022, p. 94), as narrativas de mulheres negras revelam que o contato com os padrões estéticos dominantes gera uma "separação com a realidade", impedindo que os indivíduos se reconheçam como donos de sua própria história e dividindo sua percepção identitária. O sofrimento psíquico surge porque "a vida, fechada diante do espelho, fica perigosamente vazia de sentido". Em um mundo onde o "eu é o corpo", a impossibilidade de atingir o ideal branco leva ao que Trinca (2008, p. 143) chama de "perda subjetiva". Nesse estado, a riqueza da experiência interior é substituída pela busca obsessiva por uma imagem idealizada, tornando o sujeito um consumidor focado em imagens alheias em busca de uma humanidade que ele já não reconhece em si mesmo.

Desafiar o racismo estético exige, portanto, a construção de uma consciência racial crítica. Isso passa pela resistência ao que Donna Haraway (1995) denomina "Sr. Lugar-Nenhum" (ou God Trick), termo explorado por Trinca (2008, p. 140) para criticar a falsa objetividade e universalidade da ciência e do mercado. O "Sr. Lugar-Nenhum" representa o olhar que se pretende neutro e universal, mas que na verdade é o olhar do homem branco europeu, que dita o que é "belo" e "verdadeiro" sem admitir sua própria localização de poder. Explorar essa crítica significa desmascarar que o padrão estético atual não é um dado da natureza, mas um recorte político e racial imposto como verdade absoluta.

Conforme as premissas de Foucault (1996), as subjetividades são constituídas como efeitos dos discursos que circulam socialmente. Tais discursos sofrem transformações em

conformidade com as normas e práticas discursivas construídas historicamente, o que permite compreender que as práticas discursivas são atravessadas e readequadas ao contexto por intermédio da atualização do discurso (Faé, 2004). Diante disso, pode-se conceber que os processos de subjetivação não configuram uma essência ou interioridade inerente ao sujeito, mas sim construções articuladas aos jogos discursivos de poder. Contudo, ele propõe a perspectiva de deixar a ideia de apenas um discurso único, ao invés disso, ele irá debater sobre analisar os diferentes discursos, que não necessariamente se continuam, os discursos que se cruzam ou que excluem outros, ressaltando que todas essas compreensões devem vir a partir das condições históricas específicas (Foucault, 1996).

Para Foucault (1996), o discurso não se limita a um campo linguístico, ele é compreendido como um conjunto de práticas que produzem saber e poder sobre os indivíduos. Portanto, ao investigar a relação entre a pressão estética feminina e o impacto no sofrimento psíquico é possível analisar os discursos que naturalizam determinados padrões corporais e com isso regulam o comportamento sexual das mulheres por meio desses mesmos padrões. A análise discursiva mostra que as subjetividades não são essências pré-existentes, mas produtos das relações de poder e saber, em um jogo de verdades que associa sua dignidade e aceitação social à conformidade com ideais de beleza impostos culturalmente (Alves; Pizzi, 2014).

De acordo com Queiroz (2022), o patriarcado subordina estruturalmente as mulheres aos homens, nessa relação se valoriza as funções do gênero masculino e com isso eles estabelecem funções sociais e sexuais possuindo benefícios e privilégios tendo domínio, autonomia do corpo feminino, fazendo com que as mulheres se adequem a um contexto social cumprindo as normas pré-estabelecidas pelas representações dominantes, pois só assim elas serão protegidas. O mesmo mecanismo de normalização observado em diversos contextos em que se define o que é ser “um menino de verdade”, também pode ser identificado na cultura da beleza. Através de discursos normativos, há a produção de subjetividades femininas que internalizam a necessidade de aderir aos padrões estéticos vigentes.

A corporeidade é um componente essencial na construção da subjetividade, visto que, atualmente, a identidade do indivíduo passa a ser estabelecida por padrões visuais, o que torna o corpo feminino um espaço de padronização política e social (Salem; Coelho Junior, 2010). Articulando essa dinâmica aos processos de subjetivação, Souza (1983 apud Nasciutti,

2021) demonstra que o racismo estético produz um sofrimento psíquico profundo ao impor ao sujeito negro um 'Ideal do Eu' pautado na branquitude. Nesse processo, o indivíduo é induzido a rejeitar sua própria imagem na tentativa de ser aceito, resultando em uma fragmentação da autoestima e no que a autora denomina como as transformações da identidade do negro brasileiro. Ao confrontar o olhar do "Sr. Lugar-Nenhum", possibilita a valorização das belezas negras e o fortalecimento coletivo contra as estruturas coloniais de poder. Como concluem Franceschi e Santos (2022, p. 95), é através da rememoração activa e da desconstrução desses padrões que se torna possível "quebrar certos espelhos" e dar um novo sentido à vida e à própria corporeidade, permitindo que a mulher negra se aproprie de sua imagem para além dos limites impostos pela branquitude.

Em suma, a análise integrada desta revisão integrativa evidencia que a pressão estética opera como um sistema perfeitamente articulado, no qual mídia, consumo, medicina, sexismo e racismo se entrelaçam na produção de subjetividades marcadas por vigilância, inadequação e sofrimento psíquico. Conclui-se que o sentimento de inadequação e o auto-ódio não representam falhas ou fraquezas individuais, mas sim o resultado de uma estrutura social que utiliza a estética para perpetuar hierarquias coloniais e limitar a subjetividade feminina, tornando a afirmação da identidade e o reconhecimento da própria beleza atos de resistência política e de sobrevivência psíquica

5. Considerações Finais

Este estudo objetivou analisar, por meio de uma revisão integrativa da literatura, as complexas interações entre os padrões estéticos contemporâneos e o sofrimento psíquico feminino. O percurso metodológico, fundamentado na revisão integrativa da literatura, permitiu mapear como a subjetividade feminina é atravessada por dispositivos de poder e normas de beleza que operam de forma estrutural e coercitiva, atravessadas por diversos dispositivos, neste estudo damos ênfase ao racismo e ao sexismo.

Não se pode restringir a determinação de padrões estéticos sobre a mulher somente à influência da mídia, mas que também possui impacto na saúde mental das mesmas. O ideal de beleza muitas vezes inalcançável gera sentimentos de não pertencimento, ansiedade e distorção da autoimagem. Salem e Coelho Junior (2010) destacam que o deslocamento dos

sofrimentos psíquicos para manifestações somáticas, que tornam o corpo um palco de angústia e sofrimento psíquico, podem ser percebidos no reflexo da crescente visualização dos distúrbios corporais e da autoimagem.

Além disso, evidenciamos na pesquisa que a pressão estética atinge diferentes grupos de mulheres de formas específicas, sendo ainda mais intensa para mulheres negras, que sofrem os efeitos do racismo estético. Dessa forma, a pesquisa apontou como os discursos hegemônicos de beleza reforçam a exclusão, a invisibilidade e o adoecimento psíquico, especialmente quando associados às questões de raça, classe e gênero.

Ademais, evidenciamos que a cultura do corpo ideal não se configura como um fenômeno natural, mas como uma construção histórica sustentada por interesses midiáticos e mercadológicos. Onde um padrão de corpo jovem, magro e branco está ligado a uma lógica neoliberal que transforma o corpo em objeto de investimento e consumo. No qual a mídia intensifica esse processo ao instaurarem uma dinâmica de vigilância e autoavaliação permanente, na qual a mulher se torna responsável por se adequar a um ideal inatingível. A partir disso, a insatisfação corporal deixa de ser um efeito individual e passa a ser um elemento estrutural.

É possível observar, ainda, que a tentativa de adequação a esses padrões repercute diretamente na constituição da autoimagem e no aumento de intervenções estéticas. O corpo passa a ser regulado por normas visuais que definem o que é considerado aceitável ou desejável, produzindo sofrimento psíquico quando há discrepância entre o corpo real e o ideal imposto. Nesse contexto, as cirurgias e procedimentos estéticos não se limitam a escolhas individuais, mas sim uma exigência social. O que acaba resultando em quadros de ansiedade, transtornos alimentares e distorção da autoimagem, mostrando que o adoecimento está diretamente ligado à estrutura social e que também é ela quem o produz.

Por fim, observamos que a necessidade imperativa de uma análise interseccional, evidenciando-se que a pressão estética atinge mulheres de formas distintas, sendo agravada pelo racismo estético no caso de mulheres negras. Para este grupo, o padrão de branquitude hegemônico não impõe apenas uma exigência de beleza, mas uma desumanização estrutural que animaliza os seus traços e gera um auto-ódio precoce. Assim, a aceitação da identidade e a resistência a esses padrões não representam apenas uma escolha estética, mas uma condição de sobrevivência psíquica frente às hierarquias coloniais.

Para a ciência psicológica, os resultados deste trabalho reiteram o dever ético de uma prática clínica-política (Lemos et al., 2019) atenta aos atravessamentos socioculturais. É essencial que o profissional de Psicologia ofereça um espaço de escuta que considere a pressão estética como uma fonte legítima de sofrimento estrutural, evitando a individualização de sintomas que são, na sua essência, coletivos. A atuação deve estender-se ao diálogo com a educação e os veículos midiáticos, visando a desconstrução de estigmas e a promoção de representações realistas da diversidade feminina.

Apesar das contribuições, este estudo apresenta limites inerentes ao seu formato de revisão integrativa, identificamos que não há um volume expressivo de publicações voltadas especificamente para a intersecção entre o racismo e a subjetividade das mulheres negras, o que restringiu uma análise ainda mais densa sobre esse recorte. Além disso, por tratar-se de uma pesquisa bibliográfica, não foi possível realizar uma investigação de campo que contemplasse a escuta direta e empírica das vivências singulares de mulheres, o que sugere a necessidade de estudos futuros com outras abordagens para aprofundar a compreensão da experiência vivida de sofrimento de mulheres.

6. Referências Bibliográficas

AGUIAR, K. G. M. de; SOUSA, J. A. de. Cirurgia plástica estética em mulheres e autoestima: um estudo qualitativo. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 12, e5277, 2023. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/5277/5071>. Acesso em: 27 abr. 2026.

ALVARENGA, Marle et al. **Nutrição Comportamental**. São Paulo: Manole, 2015.

ALVES, J; PIZZI, L. Análise do discurso em Foucault e o papel dos enunciados: pesquisar subjetividades nas escolas. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 81-100, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/19678/11419>. Acesso em: 27 abr. 2026.

AMARAL, A. C. S. et al. Apreciação corporal e aspectos associados entre adolescentes e mulheres jovens. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 68, n. 4, p. 229-235, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/6SCfPQFgszjKSFWsfRyg48Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 abr. 2026.

ARONSON, Elliot; WILSON, Timothy D.; AKERT, Robin M. **Psicologia social**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BORGES, R. C. da S.; MELO, G. C. V. de. Quando a raça e o gênero estão em questão: embates discursivos em rede social. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, e54551, 2019. Disponível: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254727>. Acesso em: 27 abr. 2026.

CARDOSO, L et al. Insatisfação com a imagem corporal e fatores associados em estudantes universitários. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 69, n. 3, p. 156-164, 2020. Disponível: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000274>. Acesso em: 27 abr. 2026.

CHAVES, L. M.; MARINO, I. W.; GONÇALVES, A. A cirurgia plástica e a mudança de comportamento de celebridades: Ocultando e desvelando. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, v. 39, n. 3, e0924, 2024. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/10.5935/2177-1235.2024RBCP0924-EN>. Acesso em: 27 abr. 2026.

CONCECIO, J SILVA, L. **Os padrões de beleza e o impacto na saúde mental das mulheres na atualidade**: um estudo com discentes de psicologia. Orientador: Katriny Cescon Elias. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Superior), São Mateus - ES, 2022

CONDE, T. N.; SEIXAS, C. M. Movimento Body Positive no Instagram: reflexões sobre a estetização da saúde na sociedade neoliberal. **RECIIS – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**, v. 15, n. 1, p. 100-116, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.29397/reciis.v15i1.2067>. Acesso em: 27 abr. 2026.

CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 476-483. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8891673/mod_resource/content/1/%282002%29%20Crenshaw.%20Documento%20para%20o%20encontro%20de%20especialistas%20discrimina%C3%A7%C3%A3o%20racial%20e%20g%C3%AAnero.pdf. Acesso em: 27 abr. 2026.

DA CRUZ, G; DE SOUZA, I. Marcas da colonização impressas no corpo e na alma das mulheres: A implacável linguagem do padrão de beleza inalcançável. **Polifonia**, v. 29, n. 54, p. 9-30, 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/15009/11900>. Acesso em: 27 abr. 2026.

DOURADO, C. de S.; FUSTINONI, S. M.; SCHIRMER, J.; BRANDÃO-SOUZA, C. Corpo, cultura e significado. **J. Hum. Growth Dev.**, v. 28, n. 2, p. 206-212, 2018. Disponível: <https://doi.org/10.7322/jhgd.147240>. Acesso em: 27 abr. 2026.

ESCOBAR, L; BARBOSA, F. Corpos Fragmentados: Uma Análise Psicanalítica da Obsessão Contemporânea Com a Estética Corporal na Era Digital. **COGNITIONIS Scientific Journal**, v. 7, n. 2, p. 01-09, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.38087/2595.8801.502>. Acesso em: 27 abr. 2026.

FAÉ, R. **A genealogia em Foucault**. Psicologia em estudo, Maringá, v. 9, n. 3, p. 409-416, 2004. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000300009>. Acesso em: 27 abr. 2026.

FINCO, D.; FELIPE, J. **Imagem corporal e sexualidade na infância**: o que as crianças dizem? In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/55769/34603>. Acesso em: 27 abr. 2026.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRANCESCHI, Natalya Cosmo de Souza; SANTOS, Daniel Kerry dos. Efeitos dos padrões estéticos da branquitude e do racismo nas experiências de mulheres negras. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 31, n. 72, p. 82-99, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.38034/nps.v31i72.663>. Acesso em: 14 abr. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOI, M. P. B.; PINTO, K. V.; CARDOSO, L. A. L. A influência da estética para mulheres e a qualidade de vida na satisfação com a autoimagem corporal em revista. **Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação - REASE**, v. 10, n. 2, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i6.14429>. Acesso em: 27 abr. 2026.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 maio 2026.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana: Filhos de África, 2018.

KATAOKA, A. et al. **A influência das mídias sociais na decisão pela cirurgia plástica**. Revista Brasileira de Cirurgia Plástica, v. 39, n. 2, e0853, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/2177-1235.2024RBCP0853-PT>. Acesso em: 27 abr. 2026.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Lisboa: Edições Antígona, 2008.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2016

LEITE, K. A.; MANSKE, G. S. Representações culturais de corpo e práticas de saúde em grupos sociais virtuais de aplicativos de mensagens. **Movimento**, Porto Alegre, v. 30, e30010, 2024. Disponível: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.139697>. Acesso em: 27 abr. 2026.

LEMONS, F. C. S. et al. Resistências frente à medicalização da existência. Fractal: **Revista de Psicologia**, Niterói, v. 31, n. 2, p. 158-164, maio/ago. 2019. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i2/5567>

LOPES, A. F.; MENDONÇA, E. S. Ser jovem, ser belo: a juventude sob holofotes na sociedade contemporânea. **Revista Subjetividades**, v. 16, n. 2, p. 20-33, 2016. Disponível: <https://doi.org/10.5020/23590777.16.2.20-33>. Acesso em: 27 abr. 2026.

LOPES DOS SANTOS, Y; LOPES DE BARROS, R. **Racismo e estética**: uma introdução. *Topoi* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 25, e20240095, 2024. Disponível: <https://doi.org/10.1590/2237-101X02505546>. Acesso em: 27 abr. 2026.

LUGONES, M. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 9, p. 73-101, 2008. Disponível: <https://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2026.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013>. Acesso em: 27 abr. 2026.

NASCIMENTO, C. M.; PRÓCHNO, C. C. S. C.; SILVA, L. C. A. O corpo da mulher contemporânea em revista. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 24, n. 2, p. 385-404, 2012. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922012000200012>. Acesso em: 27 abr. 2026.

NASCIUTTI, L. F.; SOUZA, N.S. Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar. 171p. **Sexualidad, Salud Y Sociedad** (Rio De Janeiro), 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21402.r>. Acesso: 11 maio 2026.

NOVAES, Joana de Vilhena. **O estigma da gorda**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

OLIVEIRA, A. P. G. et al. Transtornos alimentares, imagem corporal e influência da mídia em universitárias. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, Recife, v. 14, e244365, 2020. Disponível: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/245234/35657>. Acesso em: 27 abr. 2026.

OLIVEIRA, J. P. S. de; MACEDO, C. G.; MILLEN NETO, A. R. Autoapresentação corporal de lutadoras de artes marciais mistas (MMA) no Instagram. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27019, 2021. Disponível: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.105338>. Acesso em: 27 abr. 2026.

PASSOS, C. T. et al. A influência das redes sociais no comportamento alimentar e aceitação da imagem corporal relacionada com o índice de massa corporal em acadêmicos de um centro universitário de Foz do Iguaçu – PR. **HU Revista**, Juiz de Fora, v. 49, p. 1-8, 2023. Disponível: <https://doi.org/10.34019/1982-8047.2023.v49.39455>. Acesso em: 27 abr. 2026.

PAVAN, M; SANSONI, N. A mercantilização do feminino: capitalismo e padrão estético. **Revista Pet Economia UFES**, v. 2, n. 2, p. 27-31, 2022. Disponível: <https://periodicos.ufes.br/peteconomia/article/download/37640/24822/119496>. Acesso em: 27 abr. 2026.

PINTO, J. Corpos em trânsito e trajetórias textuais. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 40, p. 151-164, 2016. Disponível: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i40.1024>. Acesso em: 27 abr. 2026.

POLLI, G. M.; JOAQUIM, B. O.; TAGLIAMENTO, G. Representações sociais e práticas corporais: influências do padrão de beleza. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 73, n. 3, p. 54-69, 2022. Disponível: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v73n3/05.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2026.

QUEIROZ, M. E. D. de F.; SPINELLI JUNIOR, V. F. Relação entre a pressão social estética e a sexualidade feminina na atualidade. **Revista Contemporânea**, v. 2, n. 3, p. 1053–1076, 2022. Disponível: <https://doi.org/10.56083/RCV2N3-050>. Acesso em: 27 abr. 2026.

ROHDEN, F. A divulgação da cirurgia íntima no Brasil: normas de gênero, dilemas e responsabilidades no campo da cirurgia plástica estética. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 12, e00178021, 2021. Disponível: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00178021>. Acesso em: 27 abr. 2026.

ROHDEN, F. O dispositivo “antes e depois” nas cirurgias estéticas íntimas: novas formas de materialização das normas de gênero. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), n. 39, e22201, 2023. Disponível: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2023.39.e22201.a>. Acesso em: 27 abr. 2026.

ROMERO, F. O capital erótico na produção de conteúdo sobre cultura fitness no Instagram. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 3, 2018. Disponível: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2025v33n2105334>. Acesso em: 27 abr. 2026.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos eus**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). Nunca fomos humanos. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 137-204. Disponível: https://www.academia.edu/35305214/Rose_Nikolas_Inventando_Nossos_Eus. Acesso em: 27 abr. 2026.

ROZENDO, A. S.; BOUSFIELD, A. B. S.; GIACOMOZZI, A. I. Difusão e Propaganda sobre Antienvelhecimento na Mídia Brasileira: Um Estudo de Representações Sociais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, e239357, p. 1-15, 2022. Disponível: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/hJPDhbjkw5kYcfTgNcddLdx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 abr. 2026.

SALEM, P.; COELHO JUNIOR, N. E. Corporeidade e ação nos processos de formação do eu. **Estudos de Psicologia**, v. 15, n. 2, p. 189-197, 2010. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2010000200008>. Acesso em: 27 abr. 2026.

SANTIAGO, G. H. P.; GAUDENZI, P. “Falar de mulher preta, isso me atravessa”: observações a partir de vídeos on-line sobre racismo e sofrimento psíquico. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 34, e34084, 2024. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202434084pt>. Acesso em: 27 abr. 2026.

SANTOS, M. A. dos; OLIVEIRA, V. H. de; PERES, R. S. Corpo, saúde e sociedade de consumo: a construção social do corpo saudável. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 239-252, 2019. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019170035>. Acesso em: 27 abr. 2026.

SILVA, B. **Representações midiáticas da feminilidade**: impactos na autoestima feminina. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), Brasília, 2023.

SILVEIRA, J. M. S.; GONÇALVES, G. A. Harmonizações faciais: uma perspectiva psicanalítica do mal-estar contemporâneo. **Analytica: Revista de Psicanálise**, v. 14, n. 27, 2025. Disponível: <https://doi.org/10.69751/arp.v14i27.5762>. Acesso em: 27 abr. 2026.

STOLARSKI, G. et al. Blogueiros fitness no Instagram: o corpo e o merchandising editorial de suplementos alimentares. **RECHS – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**, v. 12, n. 4, p. 431-447, 2018. Disponível: <https://doi.org/10.29397/reciis.v12i4.1468>. Acesso em: 27 abr. 2026.

TRINCA, T. **O corpo-imagem na cultura do consumo**: uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado. 2008. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, 2008.

VIEIRA, A. G. F.; MANSKE, G. S. Mídia e medicalização do corpo e da saúde em mulheres praticantes de exercícios físicos em academia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27047, 2021. Disponível: <https://doi.org/10.5216/rpp.v25.72944>. Acesso em: 27 abr. 2026.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

YOKOMIZO, P.; LOPES, A. Aspectos socioculturais da construção da aparência no envelhecimento feminino: uma revisão narrativa. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 22, n. 1, p. 413-430, 2019. Disponível: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2019v22iEspecial26p285-317>. Acesso em: 27 abr. 2026.